



A TRANSFERÊNCIA GEOGRÁFICA DE VALOR: UMA CATEGORIA GEOGRÁFICA?¹

Juan Anderson Ruiz Pena²

“Isto significa que na Alemanha se começa por onde terminam a França e a Inglaterra”
(MARX, 2011a. P. 4).

Resumo: O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a dimensão espacial do valor por meio da transferência geográfica de valor segundo a teoria do valor de Marx. A Transferência geográfica de valor é entendida aqui enquanto unidade dialética que opera como mecanismo de apropriação do espaço geográfico. Deste modo, a transferência geográfica de valor constitui-se como uma categoria que prende a realidade concreta do território em sua totalidade, formulada a partir da identificação das determinações históricas. Para tanto, lança-se mão da pesquisa bibliográfica apoiada na teoria da dependência de Ruy Mauro Marini, como meio de se estabelecer uma análise crítica sobre os processos decorrentes da desigual produtividade dos distintos territórios. O que, por sua vez, evidencia a centralidade do território como categoria geográfica mistificada que permite a apropriação do espaço geográfico na sua totalidade.

Palavras-chave: dependência, Território, Transferência geográfica de valor, equalização da taxa média de lucro.

Resumen: El presente artículo científico tiene como objetivo reflexionar sobre la dimensión espacial del valor por medio de la transferencia geográfica de valor según la teoría de valor de Marx. La Transferencia Geográfica de Valor es entendida aquí en cuanto unidad dialéctica que opera como mecanismo de apropiación del espacio geográfico. De este modo, la transferencia geográfica de valor se constituyó como una categoría que agarra la realidad concreta del territorio en su totalidad, formulada a partir da identificación das determinaciones históricas. Para eso, se lanza mano de la revisión bibliográfica apoyada em la teoría de la dependencia de Ruy Mauro Marini, como medio de establecerse un análisis crítico sobre los procesos decurrentes de la desigual productividad de los distintos territorios. Lo que, por su vez, evidencia la centralidad del territorio como categoría geográfica mistificada que permite la apropiación del espacio geográfico en su totalidad.

Palabras clave: dependencia, Territorio, Transferencia geográfica de valor, equalización de la taza media de lucro.

Introdução.

Partimos do pressuposto de que a “moderna sociedade burguesa” (MARX, 2011. P. 59) promove um fraturamento da realidade em forma de países do globo, mas é através da transferência geográfica de valor como determinação concreta que podemos desvalar como o

¹ Resultado da dissertação de mestrado em geografia, Órgão de fomento: FAPEMG.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Viçosa. e-mail: juan.pena@ufv.br



território naturaliza dita divisão geográfica, pois entendemos este último (território) como forma de apropriação do espaço geográfico, esta forma (formal geográfica) é em comum entre distintas concepções de território no pensamento geográfico, mas que dita apropriação se dá em distintas escalas (níveis de abstração) seja desde o uso do território como também apropriações resultantes de vieses políticos e/ou jurídicos, portanto, conformando processos de dependência em múltiplas escalas.

A partir desta perspectiva crítica é que procuramos consolidar à *transferencia geográfica de valor* como categoria geográfica, por meio do método materialista histórico e dialético, que contribuía em alguma medida para o avanço na compreensão da dependência latino-americana atualmente. Neste sentido, procuramos compreender as distintas determinações da concorrência capitalista, desde a totalidade, fazendo uma revisão bibliográfica e uma análise crítica, da categoria de apropriação de valores, nos aprofundando na compreensão da teoria de valor de Marx (2017abc) e na teoria da dependência de Rui Mauro Marini (2005), ademais de ter como base no análises a teoria de imperialismo de Leonardo Leite (2016) a qual, captura como os Capitais Internacionais com maior produtividade, se apropriam do mais-valor produzido pelos capitais que compõe ou fazem parte da composição orgânica de capital dos territórios menos produtivos³.

Como dizemos anteriormente é com o apoio da Teoria da Dependência de Marini (2005), na qual o autor evidencia quais são as determinações históricas que possibilitam a submissão da grande⁴ classe trabalhadora e os territórios, a uma constante transferência geográfica de valor, esta como efetivação espaço-temporal da apropriação capitalista de valores. Outrossim, por meio da teoria da concorrência de Marx (2017c) especificamente, a que é exposta nos capítulos nove e dez do livro III de *O Capital*, é que podemos chegar a entender como se dá a transferência de valor entre capitais com produtividades diferenciadas e de como está se apresenta como uma distribuição do mais-valor total produzido entre capitalistas, mas que é apresentada por Marx, com uma equalização da taxa média ou geral de Lucro na escala da totalidade (produção e apropriação do mais-valor), e interpretada por nós como forma de apropriação do mais-valor produzido nos territórios, isto é, apropriação do espaço geográfico.

A Transferencia Geografica de Valor (TGV) é então, assim, o conteúdo da categoria território, a qual permite evidenciar os tensionamentos e/ou contradições entre as formas de

³ Entendemos estes territórios como os que tem uma baixa composição orgânica de capital.

⁴ Dizemos “grande”, no sentido em que Marx apresenta as classes sociais no cap 52 do livro III de *O Capital*.



manifestação geográficas subjacentes esta, como, por exemplo, o desenvolvimento desigual do capital, a exportação de capitais, a divisão social e internacional do trabalho, “a troca desigual”, o mais-valor extraordinário, a equalização da taxa média ou geral de lucro e a transferência de valor entre capitais distintos. Entendemos que estes fenômenos e categorias não são disjuntos e que a categoria geográfica *território* é uma categoria ou a mediação espacial própria do capital (do valor) que possibilita a apropriação do espaço geográfico na sua totalidade por parte dos capitais mais produtivos.

Nos apoiamos por meio de um exemplo hipotético, que será recolhido em uma tabela⁵ para poder explicar a *transferência de valor*, e seus distintos casos de efetivação que se apresentam como preços de mercado, categoria fundamental para entender a concorrência capitalista desde a perspectiva de Marx. Desta maneira, as categorias como taxa de mais-valor e composição orgânica de capital, serão também representadas em fórmula matemática, as quais nos auxiliaram a compreender melhor como se conforma e se equaliza a *Taxa média o geral de lucro*, categoria que nos mostra o processo de distribuição do mais-valor total produzido entre capitais industriais individuais na dimensão temporal do valor, mas que na dimensão espacial do mesmo se apresenta como território como forma de apropriação do espaço geográfico em sua totalidade, ademais, também pode ser compreendido o processo de transformação dos valores de mercado das mercadorias em preço de mercado.

Vemos assim, que a geografia se assenta como a ciência capaz de estabelecer a relação entre as determinações espaciais sob as quais o capital se reproduz de maneira ampliada, mostrando-nos o caminho para a compreensão da dimensão espacial do valor, sendo este último quem determina as relações sociais existente nos e entre os territórios. O conceito de Território que se sustenta sem a viragem analítica crítica desde a periferia e a lei do valor, exposta por Marx, e que ademais não identifica a este (território) como pressuposto real e concreto (espacial) da subsunção real do trabalho ao capital, é, portanto, o obstáculo ontológico que não permite superar a condição de dependência. A tarefa está em realizar uma análise geográfico crítico e radical, que vire o jogo das categorias empregadas na constituição da realidade, que permitam evidenciar a verdade, que favoreçam a expansão da vida por acima do lucro e que

⁵ Tal tabela é fruto da inspiração da palestra proferida pelo Prof. Dr. Marcelo Dias Carcanholo no Curso Livre Marx –Engels 2017. CARNANHOLO, M. D. Teoria de Valor In.Org. CARNANHOLO, M. D Curso livre de Marx -Engels 2017. Niterói: Canal NIEP-Marx, 27jun. 2017, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w83XfkukW38>



não mistifique as lutas sociais que reivindicam os direitos da classe trabalhadora sobre o território.

Determinações históricas

O autor Rui Mauro Marini, nascido em 1932, no município de Barbacena (MG) faz um apontamento já no início de sua obra "A dialética da dependência" (2005) chamando-nos a ter em conta um fato que diferencia sua abordagem das outras propostas teóricas sobre a Dependência inclusive de teorias do imperialismo e daquelas que tratam da vinculação de América Latina ao mercado mundial. Marini distingue-se por sua originalidade ao resgatar a obra de Marx e elaborar com simplicidade a partir dela uma teoria da dependência⁶. Sua distância das outras abordagens é ilustrada pela seguinte afirmativa: "A consequência necessária deste procedimento é o ecletismo, a falta de rigor conceitual e metodológico, e um pretendido enriquecimento do marxismo que é bem mais sua negação" (MARINI, 2005, p. 5). Desta maneira, podemos ver como Marini concebe de forma crítica o que se denominou tempos depois de virada pós-moderna sobre toda a ciência e que permeou também o marxismo.

Faz-se necessário elucidar que o método é o materialismo histórico e a categoria em que se inscreve a dialética da dependência é a totalidade, a qual tem um caráter histórico-materialista e isso é perceptível em toda sua obra, uma vez que o autor captura algumas determinações sócio-históricas de América Latina. Tais determinações levam-no a uma concepção distinta ao tipo de entendimento predominante da época sobre o desenvolvimento que o colonialismo gerou, ou seja, um "subdesenvolvimento" nestes domínios geográficos determinados. Problematizando a condição "pré-capitalista" apontada por outros autores como Gunder Frank (1978) e Mandel (1982), e evidenciando que neste período a "colonização" está num patamar particular sem perder vista a totalidade.

Em sua obra, Marini vai apresentar esta distinção ou destacar a América Latina como "um capitalismo *sui generis*" (2005, p. 6) que só se pode conceber a partir da "perspectiva do sistema em seu conjunto, tanto a nível nacional como, e principalmente, a nível internacional" (Idem, p. 6). Damo-nos conta então de como o nacional tem uma incidência espacial, o território

⁶ As teorias desenvolvidas pela Cepa! ainda hoje, produzem eco no pensamento social brasileiro e latino-americano. Dentre os pontos principais mobilizados por essa organização, e aqui os abordamos bastante genericamente, estão de que o subdesenvolvimento (ou a dependência) existe na medida em que, há pouco progresso técnico e industrial e também pouca diversificação na economia, isso levaria a uma condição de deterioração dos meios de troca, que acabaria por resultar numa transferência de riqueza. A teoria mobilizada pela Cepa! não é de todo equivocada, no entanto, parte do princípio de que há pouco capitalismo e por isso, há subdesenvolvimento, noção que Marini contesta e nós concordamos. Para ver mais sobre as políticas da Cepa!: Colistete (2001).



na totalidade, logo, ao ter este caráter em seu pensamento, o autor denomina que a forma em que se apresentam as forças produtivas na América Latina são na condição de um capitalismo dependente. Este será seu problema, o qual permite entender a emergência do mesmo e sua tendência, esboçando de maneira analítica as contradições que ainda hoje são perceptíveis em nossa configuração socioespacial. É no século XVI que a colonização/apropriação de novos domínios geográficos e sua reconstituição territorial se dá em uma expansão geométrica, a partir das relações comerciais de um capitalismo em constituição.

Uma vez que a América Latina passa a ser uma das maiores produtoras de metais preciosos e/ou exóticos, como o ouro, extraído de Ouro Preto (MG), os diamantes em Diamantina (MG), entre outros minérios em toda América Latina. Isso cria uma especialização e configuram-se novos meios de pagamento, confirmados na contínua troca de mercadorias entre Inglaterra e América Latina, demarcando a senda para o desenvolvimento e sustentação histórica do capital comercial e bancário na Europa. Como desdobramento deste processo, Marini (2005, p. 8) afirma que, "sustentaram o sistema manufatureiro europeu e propiciaram o caminho para a criação da grande indústria".

Esta afirmação que Marini faz é de vital importância para compreender como territórios distantes, agora vinculados a través de intercambio de mercadorias, possibilitaram e efetivaram processos em outros territórios. Esta determinação, em que América Latina é base para a reprodução do capital na Europa demarca o início do processo de reconstituição do Território no capitalismo. Vejamos que a forma de vinculação e relacionamento entre territórios se dá através das trocas de mercadorias, ou seja, do valor, isto é, que a produção das colônias está voltada para o intercambio internacional que é outra determinação geográfica importante.

Já nesta parte da obra, pode-se perceber o processo de divisão social internacional do trabalho que circunscreve a América Latina, sendo que, a posteriori ao fluxo de mercadorias, se dá a exportação de capitais, gerando uma articulação dos distintos territórios ou países latino-americanos com a técnica gerida na Inglaterra. Este tipo de articulação carrega as determinações históricas, sociais e geográficas que fazem da região (América Latina) a menos produtiva e assim que se desenvolva em condições de dependência.

Uma das advertências ou indicações que nos deixa Marini com respeito ao caráter de dependência é que "A consequência da dependência não pode ser, portanto, nada mais do que maior dependência, e sua superação supõe necessariamente a supressão das relações de produção nela envolvida" (Idem, p. 9). Desta citação podemos vislumbrar os próximos passos



do autor que serão como se dá e como ele vai entender, principalmente a partir de Marx, as relações de produção e circulação na condição de dependência.

América Latina é o grande bastião para a formação de uma economia mundial, embora, seja, segundo Marini, em meados do século XIX que "sua articulação com essa economia mundial se realiza plenamente" (MARINI, 2005, p. 10). A migração de força de trabalho da zona rural para as cidades na Europa é incentivada pelas mercadorias "de origem agropecuária" (Ibidem, p. 10), em grandes quantidades, a baixo custo e proporcionadas pelos novos territórios. Este excesso de força de trabalho na Europa é então, alocado na indústria criando uma exacerbação das forças produtivas, o que desemboca numa alta capacidade produtiva e na criação da grande indústria.

Quando Marini afirma que a articulação de América Latina a economia mundial é completa a meados do século XIX podemos entender que é este o período em que o Território em sua totalidade passa a ser subsumido a lógica do capital. Qual lógica é essa? A de produzir e apropriar-se de valores na totalidade. No caso dos territórios como América Latina a de transferir valores e Europa a de elevar a produtividade, ademais de participar na apropriação do espaço geográfico na sua totalidade.

Com este aumento da produtividade na Europa seus países passarão então a ter as economias mais produtivas, Marini afirma que América Latina ao fazer parte da economia mundial facilita que "o eixo da acumulação na economia industrial se desloque da produção de mais-valia absoluta para a de mais-valia relativa" (Idem, p. 11). Essa mudança, tem repercussões diretas no tipo de produção latino-americana, Marini a assinala da seguinte maneira: "dar-se-á fundamentalmente com base em uma maior exploração do trabalhador." (Idem, p. 11), o qual será seu objeto de estudo que não só permitirá explicar a forma específica que gera a condição de dependência da América Latina, mas também como um indicador da mesma condição. Desta maneira, o tipo de desenvolvimento da produção latino-americana e sua forma de "integração ao mercado mundial" facilita a metamorfose das economias nos países europeus para que se posicionem como economias centrais (MARINI, 2005).

Como dissemos anteriormente, o incremento da produtividade das economias centrais produzido pelo deslocamento do eixo da produção do mais-valor absoluto ao mais-valor relativo, faz com que exista uma "desvalorização real da força de trabalho" (MARINI, 2005, p.12). Maior produtividade significa dizer que o trabalhador no mesmo tempo de trabalho, empregado numa produção focada na extração de mais-valor absoluto e comparada àquela



produção na qual seu eixo é focado na extração de mais-valor relativo, cuja força de trabalho que é empregada nesta última, estaria, portanto, criando maior quantidade de produtos ou mercadorias num mesmo tempo.

Ao aumentar a produtividade, o trabalhador só cria mais produtos no mesmo tempo, mas não mais valor; é justamente esse fato o que leva o capitalista individual a procurar o aumento de produtividade, já que isso permite reduzir o valor individual de sua mercadoria, em relação ao valor que as condições gerais de produção lhe atribuem, obtendo assim uma mais-valia superior à de seus competidores - ou seja, uma mais-valia extraordinária (MARINI, 2005, p. 12).

Notemos, que há uma diferenciação de produtividades entre capitais, mas retomando o argumento anterior sobre o deslocamento do eixo da acumulação, Marini deixa de maneira implícita, uma diferenciação entre as produtividades de América Latina e Europa. Isto pode ser reinterpretado nos termos de Território, ou seja, existem territórios menos produtivos e mais produtivos⁷, na medida em que estes capitais estão atrelados a estes. Desta maneira, a lei do valor é a determinação que impera na reconstituição do Território nesta época social e histórica.

Por outro lado, a desvalorização da força de trabalho como desdobramento do incremento da produtividade possibilita que capitais mais produtivos se apropriem de valores por eles não criados. Desta maneira, os territórios menos produtivos produzem mercadorias com valores acima dos mais produtivos. Esta diferenciação entre os valores das mercadorias, como um todo, mostra que existem territórios em que a lei do valor não opera a todo vapor. Ou seja, que ainda existem reticências significativas nos territórios em quanto a produção capitalista.

Vemos aqui, a necessidade do Estado como esse operador político e jurídico além, do serviço social, ou seja, do valor, isto é, como personificação das legalidades do capital. O Estado, é esse administrador da produção do capital que busca desfazer as reticências da lei do valor, que impossibilitam uma adequação plena e de constante expansão, sobre o Território. Este último é base material para a produção de valores, é neste sentido que o Estado age como um articulador do processo de produção do capital sobre o território, mas num segundo sentido o Estado é expressão própria da lei do valor. Pois ao existir mercadorias com valores diferentes pelo descompasso entre produtividades no território como um todo, ou seja, na totalidade, este (o território) participa plenamente na equalização desses valores.

No território é o Estado quem vai gerir e organizar as formas (efetivas ou não tão efetivas) de relacionarmos por meio do valor. O Estado vai organizar o processo de produção

⁷ Esta discussão de que existem territórios mais ou menos produtivos será retomada no tópico Transferência geográfica de valor deste artigo.



do capital sobre o território de tal forma ou tal outra, mas sempre com medidas políticas e/ou jurídicas, além das legalidades das que ele já comporta, para que a lei de valor opere de maneira fluida com os menores constrangimentos possíveis. Para que desta maneira a produção/apropriação, em outras palavras, a “lei geral da acumulação capitalista” (MARX, 2017a. P. 689) se execute, no maior desenvolvimento possível. Isto é, o grau de desenvolvimento do capital, no Território, é em certa maneira também um desdobramento da capacidade do Estado de gerir e organizar as forças produtivas sobre o território.

Vemos então, como o Estado e o sistema de múltiplos Estados comparece na produtividade desigual do capital no Território. Desta maneira, como o território também se apresenta sob a forma de apropriação do espaço geográfico, o Estado também está presente nessa apropriação. Isto nos leva querer entender como se dá essa apropriação do espaço geográfico no capitalismo. Para tanto, é necessário entender o processo de conformação da taxa média ou geral de lucro como também sua equalização e, portanto, a transferência geográfica de valor.

A transferência de valor: segundo a teoria do valor de Marx.

A dialética da dependência posiciona-se de maneira mais "original" sobre a teoria de valor que Marx propõe na sua obra "O capital" (MARX, 2017a,b,c) mais especificamente, no livro III, referente ao processo de transferência de valor, no sentido de apropriação de valores, produto da concorrência entre capitais com produtividades diferenciadas; podemos entender estas transferências como "mais-valor extraordinário" só que num mesmo setor, ramo ou capital, composto por capitais com produtividades diferenciadas, que produzem a mesma mercadoria e que se encontra espalhados pelo espaço geográfico em diferentes territórios.

Marx ensina que o mais-valor tem uma forma de se apresentar no mundo e é sua taxa: "A taxa de mais-valor é, assim, a expressão exata do grau de exploração da força de trabalho pelo capital ou do trabalhador pelo capitalista" (MARX, 2017a, p. 294), e uma representação à maneira de fórmula, seria:

$$\frac{\text{mais-valor}}{\text{capital variavel}} = \frac{m}{v}$$

Essa taxa varia se existe maior ou menor exploração, ou seja, uma variação dessa taxa se dá, por exemplo, quando diminuimos o tempo de trabalho necessário vis-à-vis aumentando o tempo de trabalho excedente, dada a jornada de trabalho. Por outro lado, a transferência de valor está no contexto de uma exploração com base a uma extração de mais valor relativo, o mais-valor extraordinário só é uma redistribuição do mais-valor, ou lucro, entre capitalistas do



mesmo ramo de produção com ou sem modificação da taxa de mais-valor, entendendo que as mercadorias produzidas serão vendidas.

Em outras palavras, as mercadorias produzidas a mais por um capital com maior produtividade contêm menor quantum de valor que as mercadorias feitas por um, capital com produtividade inferior. O desdobramento mais que lógico-formal, ou seja, social do processo descrito anteriormente é que as mercadorias produzidas com uma produtividade maior perdem valor, o que se traduz em preços de produção mais altos do que o valor individual das mesmas, isso é o que obriga ao capitalista individual a aumentar sua produtividade ainda mais, fazendo com que seu investimento de capital seja dirigido ao capital constante para assim poder obter uma maior produtividade e garantir o tão desejado mais-valor extraordinário ou lucro extraordinário. Em outras palavras, é a concorrência entre capitais que obriga os capitalistas individuais a buscar o rebaixamento do valor individual das mercadorias.

Este rebaixamento se está dando em todo o território (categoria). O que implica, que quando dizemos que o mais-valor extraordinário é só uma redistribuição do mais valor total produzido por esse setor, ramo ou capital, estamos dizendo que há uma apropriação do mais-valor a mais, por parte dos capitais mais produtivos, do que eles produziram. Logo, a vinculação e reconstituição dos diferentes territórios se está dando é por meio do valor, por outro lado, também a apropriação do espaço geográfico se está dando através da concorrência entre capitais pela apropriação do mais-valor produzido pelos capitais menos produtivos que se encontram atrelados ao território. Isto é, que parte do mais-valor produzido em territórios menos produtivos é apropriado pelo capital industrial individual mais produtivo que possivelmente, se encontra num outro território ou no mesmo. Este o capital industrial compõe a produtividade do território.

Dizer que um território é mais ou menos produtivo significa que o grau de desenvolvimento do capital no território permite apropriar-se ou não do mais-valor produzido em outro território. Fazendo uma reinterpretação no molde da apropriação do espaço geográfico, podemos dizer, que um território se apropria do espaço geográfico no sentido de que o território mais produtivo coloca a seu “serviço”, “usa”, o território menos produtivo, ou seja, se apropria de seu capital fixo e circulante quando este transfere geograficamente valores ao território mais produtivo. Lembremos, que está apropriação está pautada na apropriação de um mais-valor extraordinário, ou seja, num só setor, ramo e/ou capital.

A produtividade também é associada a uma representação à maneira de fórmula, sendo a composição orgânica de capital a categoria que Marx vai empregar, a qual também se



apresenta em forma de taxa. Sua representação matemática é a proporção ou razão dada entre a porcentagem de capital constante sobre o capital variável, investido respectivamente.

$$\frac{\text{capital constante}}{\text{capital variavel}} = \frac{c}{v}$$

Com esta categoria, vamos dizer que certo capital é mais produtivo quanto maior for sua composição orgânica de capital e, por outro lado, quanto menor for sua composição orgânica de capital menos produtivo será esse capital. A variação dessa taxa se dá no tipo de distribuição do capital investido: vamos ter menor composição orgânica quando temos maior porcentagem de capital investido no capital variável e uma composição orgânica de capital alta quando temos maior porcentagem de capital investido no capital constante.

Lembremos que os capitais compõem ou são parte do território, logo, a composição orgânica de cada capital também está atrelada ao território. Mas, é de aclarar que a composição orgânica do capital é própria dos capitais e não do território como tal, a determinação da capacidade produtiva do território, alta ou baixa, está dada por uma outra mediação, que se encontra num nível mais concreto à apropriação de valores (o valor de mercado). Este último será apresentado mais adiante, mas por agora podemos dizer que de certa maneira é possível que o território tenha também uma composição orgânica de capital média, que se definira mais adiante.

Por agora, vemos a necessidade de apresentar como se dá o mais-valor extraordinário que é uma modalidade de mais-valor relativo, em outras palavras a transferência de valor entre capitais de diferentes setores, ramos ou esferas de produção. Com o intuito de mostrar o movimento da concorrência capitalista, podemos depararmos da vinculação de vários processos ao interior, por exemplo, da transformação dos valores das mercadorias em preços de produção, de valores de mercado para preços de mercado, da conformação e equalização da taxa média de lucro, da criação de uma produtividade média dos diferentes setores ou esferas, como também da conservação da lei do valor. É importante ressaltar que este movimento da concorrência se está dando a nível internacional, ou seja, entre distintos territórios, ou seja, no espaço geográfico.

Mas, antes de entrar a exemplificar o mais-valor ou lucro extraordinário, temos que colocar uma outra categoria importante, a Taxa de Lucro. No livro III, no capítulo 2, de O capital, Marx nos ensina como esta taxa de lucro é a mesma taxa de mais valor, vejamos

Assim, embora a taxa de lucro seja numericamente distinta da taxa de mais-valor, ao mesmo tempo que o mais-valor e o lucro são, na verdade, a mesma coisa, e também numericamente iguais, o lucro é uma forma transformada do mais-valor,



uma forma em que sua origem e o segredo de sua existência são encobertos e apagados (MARX, 2017c, P. 73).

Desta maneira, podemos operar a taxa de lucro automaticamente se sabemos qual é a taxa de mais-valor. Embora, a taxa de lucro seja a razão dada como o mais-valor produzido ou lucro sobre o capital total adiantado ou investido. Este resultado teórico nos auxilia ainda mais na compreensão de como se transformam os valores de mercado em preços de mercado, e de como o mais-valor novo produzido é apropriado pelos capitais mais produtivos dentro de um e diferentes ramos de produção. Sendo assim, podemos observar que este processo é produto da concorrência entre capitais. Para motivos de simplificação apresentaremos neste documento a transformação dos valores de mercado em preços de mercado, tendo como pressuposto a transformação de valores da mercadoria individual em preços de produção⁸.

Esta distribuição do mais-valor entre capitalistas, no mesmo território e/ou entre diferentes, se dá de maneira muito específica e, para ilustrar a forma de lucro extraordinário, utilizaremos um exemplo hipotético, que nada mais é que uma generalização teórica, por assim dizer da transformação de valores de mercadorias em preços de produção, proposta por Marx e tida em conta por Marini. Podemos entender o lucro extraordinário como o procedimento oculto de como os valores das mercadorias se transformam em valores de mercado para preços de mercado, entendendo que esta metamorfose tem como mecanismo a conformação e equalização da taxa de lucro de ramos ou esferas de produção diferentes e que este processo apresenta três possíveis casos em que se podem dar os preços de mercado, assim, estes últimos são determinados pelo valor, o processo de trabalho ao se criar uma taxa média ou geral de lucro o que direciona o atuar do capital na produção dos valores, e que se reflete na interação entre oferta e demanda.

A melhor forma de entender a relação de concorrência de capitais do mesmo ramo e entre ramos distintos está em compreender a concorrência como o motor da produtividade. Isso significa dizer, que a concorrência se dá entre produtores e consumidores, mas também entre só produtores e entre só consumidores (de médios de produção). Como a concorrência é feroz, os donos de capitais com produtividade menor se esforçam por implementar os aperfeiçoamentos técnicos que possuem seus concorrentes, que geralmente têm capitais

⁸ Esta metamorfose de valores individuais em preços de produção das mercadorias produzidas, se encontra bem detalhada em: PENA, J. A.; ALVES, D. J.; MARTINEZ GARCIA, A. APONTAMENTOS PARA UMA DIALÉTICA DO TERRITÓRIO: A TRANSFERÊNCIA GEOGRÁFICA DE VALOR. *Revista de Ciências Humanas*, [S. l.], v. 1, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/12061>. Acesso em: 29 set. 2021. (P. 40-43).



tecnicamente mais desenvolvidos. Por um lado, temos, assim, um reajuste em média das condições de produção no ramo considerado e conseqüentemente, por outro lado, a redução do preço de produção das mercadorias.

Na transformação de valores individuais em preços de produção das mercadorias, mostra como uma implementação de novos elementos técnicos na produção de mercadorias traz de maneira implícita a elevação da composição orgânica do capital para todo o ramo em seu conjunto, ou seja, uma diminuição nos valores dos meios de produção. Portanto, este processo de aperfeiçoamento da produtividade está sendo dado em todos os ramos de produção, logo, é evidente que os valores das mercadorias tendem a cair de maneira geral fazendo com que a concorrência seja mais aguda. Essa concorrência se acirra mais porque a margem de lucro ou taxa de lucro também cai fazendo com que o mais-valor ou lucro produzido na totalidade seja cada vez menor em cada um dos ramos de produção como tendência.

A concorrência entre capitais de ramos distintos de produção de mercadorias, que investem seu capital em busca de um maior lucro, possuem composições orgânicas diversas. Uma taxa de lucro maior significa uma taxa de mais-valor maior inclusive maior à taxa de lucro (mecanismo de compensação). Com uma taxa de lucro caindo para cada um dos ramos de produção como consequência da elevação do capital constante, a concorrência vai se acirrando cada vez mais, isto é, introduzindo componentes técnicos e tecnológicos cada vez mais elaborados, que precisam de mais matérias primas, o que intensifica a força de trabalho, produto da elevação do capital constante, logo, composições orgânicas de capital cada vez mais altas em todos os ramos, evidentemente de maneira desigual e combinada.

Portanto, a concorrência tem como único fim apropriar-se do mais-valor produzido por aqueles capitais como menor composição orgânica, porém, todos os capitais dos distintos ramos, introduzindo melhoras técnicas na produção. Sabemos que o mais-valor extraordinário traz implicitamente a criação dos preços de produção, produto de uma média entre as taxas de lucro individuais dos capitais que tem produtividades distintas/desiguais, estes preços de produção das mercadorias se concretizarão na venda efetiva e compra das mercadorias.

É aqui onde os preços de mercado, que são distintos aos preços de produção, aparecem, pois, estes últimos são preços estimados pelos capitalistas do mesmo ramo de produção, ou seja, se os preços de mercado se efetivam também se confirmam os anteriores (preços de produção) que são os preços que os capitalistas aspiram a conseguir ao produzir. Mas estes preços de mercado são os preços finais de venda, os preços pelo que as mercadorias são efetivamente vendidas. Portanto, é por meio da transformação dos preços de produção em



preços de mercado que podemos entender, que ao se dar esta metamorfose, dos valores das mercadorias, o que se está fazendo é uma equalização da taxa média ou geral de lucro entre capitais com produtividades diferentes produzindo mercadorias diferentes.

Agora, como a concorrência é entre capitais de diferentes setores ou esferas distintas de produção de mercadorias, o mecanismo utilizado para uma redistribuição do mais-valor total produzido, é a criação ou conformação de uma taxa média ou geral de lucro, que transforma os preços de produção em valores de mercado, estes últimos determinam diretamente a interação entre a oferta e a demanda por essas mercadorias. Tal como o funcionamento da criação de uma média de valores individuais que transformam os valores das mercadorias em preços de produção. No entanto, a criação dos valores de mercado, fazem com que capitais de diferentes ramos de produção com maior composição orgânica de capital se apropriem de um mais-valor ou lucro não produzidos por eles, em absoluto, e sim pelos capitais menos produtivos.

Para explicar melhor o processo anterior, preparamos o seguinte exemplo: Temos três capitais que produzem mercadorias distintas, e estes são representantes de cada ramo de produção, o que significa dizer que a composição orgânica de capital de cada um deles também é distinta, mas que a produtividade de cada um deles é representante em média de cada um de seus ramos de produção, ademais todos três com um capital de 100 unidades para cada um.

A distribuição de suas composições orgânicas são as seguintes: o primeiro com 60 unidades de capital constante e 40 de capital variável, o segundo com uma distribuição de 50 de capital constante e 50 de capital variável, o terceiro com um investimento de capital de 40 unidades de capital constante e 60 unidades de capital variável, todos os três com uma taxa de mais-valor igual a 100%. Portanto, no primeiro setor serão produzidas 40 unidades de mais-valor, no segundo setor 50 e no terceiro setor 60 unidades, logo, os valores individuais das mercadorias serão no primeiro setor igual a 140, no segundo 150 e no terceiro 160, em conjunto, seria de 450.

Se as mercadorias fossem vendidas por seus valores individuais, no primeiro setor a taxa de lucro seria de 40% ($[40/100] * 100$), no segundo, 50% ($[50/100] * 100$) e no terceiro setor será de 60% ($[60/100] * 100$). Notemos, que temos uma diversidade de taxas de lucro, mas sabemos pela transformação dos valores individuais das mercadorias em preços de produção, que os capitalistas fixam suas taxas de lucro, segundo sua participação com o capital total adiantado na produção, que para nosso exemplo é de 100 unidades. Além disso, vejamos que a distribuição dos lucros que apresentamos acima é notoriamente vantajosa para os capitalistas



do terceiro setor, o menos produtivo, porém, desvantajosa para os capitalistas do primeiro setor, o mais produtivo.

É neste exato momento onde se cria uma taxa geral de lucro, a qual vai redistribuir este lucro de maneira igual para cada um, segundo o tamanho do capital adiantado para a produção, ou seja, 100 unidades. É aqui, onde a concorrência atua favoravelmente, ao capitalista do setor mais produtivo exercendo uma equalização desta taxa geral de lucro, esta equalização em termos gerais, que tem três casos possíveis em se dar a transformação dos valores das mercadorias em valores de mercado, estes casos são apresentados por Marx, no livro III, no capítulo 10, nas páginas 215 até 219, os quais nos permitirão evidenciar como opera a equalização da taxa média ou geral de lucro e portanto a transformação dos valores de mercado em preços de mercado. Estes casos serão apresentados brevemente mais adiante.

Estes três casos acontecem segundo os preços de mercado se acercem aos valores individuais de cada ramo de produção, por exemplo, que o capital do primeiro ramo de produção o qual tem uma distribuição de 40 de capital variável e 60 de capital constante pode ser quem comande a concorrência, ou seja, que o valor individual da mercadoria produzida por este capital seja quem determina os preços de mercado tendencialmente, o mesmo pode acontecer com os outros dois setores, mas isto o apresentaremos mais adiante. Desta maneira a equalização da taxa de lucro está operando, está em marcha, portanto, a concorrência e a transferência de valor também estão se dando, fazendo com que os capitais mais produtivos de um ramo se apropriem do mais-valor produzido pelos capitais menos produtivos de outros ramos de produção.

O intuito de Marx de mostrar a contradição entre o resultado teórico e a realidade, o qual se debate, entre se as mercadorias são vendidas pelos seus valores ou não, está em mostrar em última instância que a lei do valor opera, ou seja, que a teoria de valor de Marx, a qual explica que os valores são os que determinam os preços das mercadorias, em outras palavras, a economia como um todo. Portanto, de que produção de valores são o fundamento social desta época histórica que chamamos de capitalismo.

Lembremos que as taxas de lucro de cada capital, que em nosso exemplo são representantes de cada ramo de produção, são distintas para cada um, logo, o lucro médio para cada ramo nestas condições em que se confrontam por meio da concorrência estes três capitais, será igual a 50% para todos (primeiro caso de Marx). O lucro médio desta economia de três capitais, é um lucro igual para todos, segundo a grandeza de cada capital (100 unidades cada um) que foram investidos ou adiantados para a produção. Nessa perspectiva, este dado (50%)



permite direcionar a produção tendo implicações imediatas na interação entre a oferta e da demanda pelas mercadorias produzidas. Marx chama de valor de mercado a este dado que é o resultado da equalização a taxa geral de lucro, mas ainda estes valores de mercado não são os preços de mercado.

Os valores de mercado, são uma mediação entre os valores individuais das mercadorias e os preços de mercado das mesmas, eles são assim como os preços de produção uma estimação do preço final de venda, só que estes já não são entre capitais do mesmo ramo de produção senão resultado da equalização da taxa média ou geral de lucro entre diferentes capitais que produzem diferentes mercadorias e que se confrontam na concorrência.

Portanto, a equalização da taxa média de lucro entre os capitais faz com que o capital representante do terceiro setor, o menos produtivo, se prive de uma parte do mais-valor criado pelos trabalhadores desse setor ou ramo de produção. Por outro lado, temos que o capital representante do primeiro setor ou ramo de produção realiza um excedente de mais-valor. Isso significa dizer que o capitalista do terceiro setor vende suas mercadorias por um preço abaixo do seu valor, enquanto os do primeiro setor as vendem por um preço que superam seu valor. O preço da mercadoria vendida por cada ramo de produção compõe-se pelo capital investido (100 unidades) mais o mais-valor que se equaliza por meio do lucro médio (50%).

Logo, o processo de conformação e equalização da taxa média ou geral de lucro está gerando uma transferência de valor gratuita do setor menos produtivo para o setor mais produtivo, o exemplo anterior, pode ser representado na seguinte tabela:

Tabela 2 - Concorrência entre capitais que produzem mercadorias distintas (em unidades monetárias).

Setor	Capitais	C/V	Taxa mais-valor (100% c/u)	Valor individual	Taxa média de lucro	Valor de mercado.	Transferência de valor
A	$60c + 40v = 100$	60/40	40%	140	50%	150	+10
B	$50c + 50v = 100$	50/50	50%	150	50%	150	+/- 0
C	$40c + 60v = 100$	40/60	60%	160	50%	150	-10
Total	$150c + 150v = 300$		150%	450	150%	450	

Fonte: o autor, 2021

Mas, para caracterizar ainda mais o análises desta tabela, apresentaremos os casos anteriormente anunciados. Estes se desdobram da mesma tabela, os quais nos proporcionam um



entendimento completo da forma em que a apropriação do mais-valor se dá na realidade, nesta época social que chamamos de capitalista. Até agora, temos mostrado uma parte da concorrência do lado dos capitalistas, mas neste preciso momento é que a concorrência do outro lado, onde se gestam as necessidades sociais, ou seja, a dos consumidores interatua com a outra parte na conformação e/ou confirmação (mais não determinação) dos preços de mercado.

É desta maneira que interpretamos, entendemos y demostramos com se dá a apropriação de valores no capitalismo, ou seja, é assim que está operando a transferência de valor e, portanto, a transferência geográfica de valor. Mais adiante apresentaremos uma interpretação da transferência geográfica de valor, entendendo os três casos que apresentaremos a continuação. Por agora podemos dizer que se, desta maneira se está dando a apropriação de valores e/ou riquezas no capitalismo, esta mesma forma é como se deve apropriar o espaço geográfico, tendo como mediação ao território, nesta época social e histórica que chamamos de capitalismo. Assim a transferência geográfica de valor seria então o conteúdo da categoria Território, embora, a transferência de valor para Leite (2016) seja a forma oculta o que está por trás do imperialismo, ou seja, a essência do imperialismo.

Apresentaremos então um esquema muito sucinto que permite uma compreensão dos casos apresentados por Marx. Os preços de mercado, ou seja, os preços finais de venda são o produto da interrelação por meio da concorrência entre capitais ou capitalistas e consumidores que se encontram espalhados pelo espaço geográfico, como também da equalização da taxa média ou geral de lucro, portanto, dando-se a transferência geográfica de valor. Entendemos assim, que é por meio destes três casos que podemos analisar a modificação dos preços de mercado, os quais são inteiramente determinados pela produção de mais-valor, ou propriamente, pela modificação nos valores das mercadorias produzidas é que se obtém preços de mercados diferentes, claro esta que com suas respectivas mediações.

Vemos que é necessário apresentar as seguintes convenções de abreviação de alguns termos e símbolos que nos ajudaram no entendimento do esquema e subsequentemente, que nos ajudaram também no entendimento dos casos um por um:

Convenções:

PM: Preços de Mercado.

PP: Preços de Produção.

VM: Valor de Mercado.

V_{m+} : Valor individual das mercadorias produzidas pelo setor mais produtivo.



V_{m_-} : Valor individual das mercadorias produzidas pelo setor menos produtivo.

$V_{m_{+/-}}$: Valor individual das mercadorias produzidas pelo setor com produtividade média.

\cong : Mais, ou menos, ou igual.

$<$: Menos que.

$>$: Maior que.

\leq : Menor ou igual.

\neq : Diferente.

$=$: Igual.

Caso I. Primeiro esquema para o caso I:

$$VM = PP \cong PM$$

i) $V_{m_+} < PM$

ii) $V_{m_-} > PM$

iii) $V_{m_{+/-}} \cong PM$

Neste primeiro caso, temos que os valores de mercado coincidem com os preços de produção, mas que no momento da venda efetiva das mercadorias, ou seja, pelos preços de mercado, estes podem ser a mais que o valor de mercado, ou iguais ao valor de mercado, ou a menos que o valor de mercado. No caso dos extremos, ou seja, se são vendidas as mercadorias a mais ou a menos que os preços de produção, os dois casos seguintes serão os desdobramentos destes extremos. Para nosso exemplo, se as mercadorias são vendidas pelos preços de produção, o valor de mercado seria igual a estes, coisa que é muito difícil de acontecer, mas pode acontecer, assim as mercadorias terão um preço de mercado igual ao valor de mercado, que é o valor individual das mercadorias produzidas pelo setor com produtividade média que na **tabela 2**, seria o setor **B**, o qual tem um valor individual, igual ao preço de produção, de 150.

Isso faz, com que o setor menos produtivo venda suas mercadorias abaixo do valor individual e os mais produtivos acima. Como desdobramento, temos que os capitais mais produtivos se apropriam do mais-valor produzido pelo menos produtivos, ou, que este último transfere valores ao setor com maior composição orgânica de capital, o mais produtivo. Em quanto ao segundo setor, o valor individual da mercadoria deste que coincide com a produtividade média da economia suposta neste exemplo de três setores **A, B e C**, ou seja, este setor **B** é quem regula os preços de mercado fazendo com que a soma dos valores individuais seja igual a massa total de valores produzidos. Este primeiro caso se comporta de maneira muito



similar ao exemplo anterior, que ilustra a obtenção do mais-valor extraordinário, que opera só num ramo de produção e que foi apresentado anteriormente.

Temos assim que 150 é o valor da mercadoria individual, que é o valor de mercado correspondente a percentagem da soma total dos valores das mercadorias produzidas pelos três setores, o **A**, **B** e o **C**, de nosso exemplo. Esta formula se pode generalizar ainda mais se existirem n-capitais. Sua formula seria a seguinte:

$$\left(\sum_{i,j}^n [vm_{+/-} + (vm_{-})_i + (vm_{+})_j] \right) / n$$

Caso II. Segundo esquema para o caso II:

$$VM > PP \neq PM$$

$$i) vm_{+} < PM$$

$$ii) PM \leq vm_{-}$$

$$iii) vm_{+/-} < PM$$

Como este caso é desdobramento do anterior, no sentido de que as mercadorias são vendidas por um preço de mercado maior que os valores individuais das mercadorias produzidas pelo setor mais produtivo e pelo setor com produtividade média, embora, mais abaixo do valor individual das mercadorias produzidas pelo setor menos produtivo. Significa dizer, que o valor de mercado é maior que os valores individuais das mercadorias do setor **B** e **A** da **tabela 2**; porém, menor que o valor individual da mercadoria do setor menos produtivo o **C**. Este preço de mercado, que é diferente do valor de mercado, só é possível, se os valores de mercado se comportam como os preços de mercado, sendo os valores de mercado uma instancia anterior aos preços de mercado que é a instancia final.

Desta maneira. o setor mais produtivo que está vendendo sua mercadoria acima de seu valor individual como também o setor com produtividade média, aceleram suas produções para vender mais mercadorias a esse preço de mercado. Mas este impulso, de maior produção de mercadorias, portanto, maior quantidade faz com que o preço de mercado abaixe ou caia, então, em questão do valor de mercado este teve também que ter caído, por motivo da concorrência. Portanto, temos uma descompensação entre a quantidade de mercadorias produzidas pelos capitais mais produtivos, que são muito mais que as produzidas pelos setores menos produtivos.

Por outro lado, o setor menos produtivo decide frear sua produção de mercadorias, ou seja, produzir menos quantidade de mercadorias, pois este setor está vendendo-as a um preço



menor que seu valor individual. Esta decisão de criar menos mercadorias, em última instância é a que vai determinar o valor de mercado. Tendo em conta a distinção descrita no parágrafo anterior, de que a preponderância a tem os valores das mercadorias produzidas pelos capitais menos produtivos, nos quais também está aquele que tem a produtividade média, porque, quando o preço de mercado caia abaixo do valor individual deste setor, por um excesso de oferta de mercadorias produzidas por ele mesmo e pelo setor mais produtivo, este setor com composição orgânica media, passa a ser parte dos setores menos produtivos e obviamente junto com o setor de composição mais baixa de todos. Sendo assim, o valor de mercado será determinado pela soma dos valores individuais das mercadorias destes dois setores e pela sua percentagem. Em nosso exemplo, seria assim:

$$Vm_{+/-} = 150$$

$$Vm_{-} = 160$$

$$(Vm_{+/-} + Vm_{-}) / 2 = \frac{150+160}{2} = \frac{310}{2} = 155$$

Temos assim que 155 é o valor da mercadoria individual que é o valor de mercado correspondente a percentagem da suma total dos valores das mercadorias produzidas pelos setores menos produtivos o **B** e **C** de nosso exemplo. Esta formula se pode generalizar ainda mais se existirem n-capitais que compõe os setores menos produtivos. Sua formula seria a seguinte:

$$\left(\sum_i^n [vm_{+/-} + (vm_{-})_i] \right) / n$$

Vemos assim que há uma modificação nos valores das mercadorias dos setores com menor composição orgânica de capital. É desta maneira que temos a condição de que o valor de mercado é maior que os preços de produção, que nosso exemplo é de 150. Portanto, maior que os valores individuais das mercadorias produzidas pelo setor com produtividade média e o mais produtivo, mas menor que os valores individuais das mercadorias produzidas pelo setor menos produtivo. Para que o valor de mercado seja igual ao valor individual das mercadorias produzidas pelo setor menos produtivo, deveria existir uma demanda significativa, ou seja, uma concorrência expressiva por parte dos que demandam essa mercadoria pela quantidade de mercadorias produzidas por este setor. Desta maneira, o “novo” valor individual das mercadorias produzidas pelos setores menos produtivos, seria quem regula o preço de mercado neste caso.

Caso III. Terceiro esquema para o caso III:

$$VM < PP \neq PM$$



i) $Vm_+ \leq PM$

ii) $Vm_- > PM$

iii) $Vm_{+/-} > PM$

Este é o último caso apresentado por Marx, em que se dá a equalização da taxa geral de lucro. Temos assim, então, as distintas formas como acontece a apropriação do mais-valor nesta época social e histórica, que chamamos de capitalismo. Agora vejamos, que no caso anterior a quantidade de mercadorias produzidas pelos setores menos produtivos, eram menores que as produzidas pelo setor mais produtivo. Portanto, estes setores menos produtivos eram os que exerciam uma força significativa na luta concorrencial entre os capitais modificando os valores individuais das mercadorias.

Neste terceiro caso, se os setores mais produtivos, ou seja, o primeiro e o segundo setor que se encontram na **tabela 2** (ou seja o **A** e **B**), produzem menos quantidades de mercadorias que o setor menos produtivo o **C**; estes (**A** e **B**) seriam os que teriam maior influência ou força na concorrência. O que representaria, que a quantidade das mercadorias produzidas pelo setor menos produtivo, que é maior, fique à mercê de seus concorrentes.

Portanto, o preço de mercado seria menor que os valores individuais das mercadorias produzidas pelo setor com produtividade média o **B** e que do setor menos produtivo o **C**. Como os preços de mercado são diferentes aos valores de mercado, estes últimos tem que se comportar da mesma maneira que os preços de mercado. O valor de mercado então, é determinado pela soma dos valores individuais das mercadorias produzidas pelos setores mais produtivos, o **A** e **B**, que em resumo aparenta ser um capital só, e pela alíquota desse valor total que é correspondente à mercadoria individual, desse “capital” que aparenta ser um só e que produz duas mercadorias, mas que como sabemos é composto pelos setores mais produtivos. Em nosso exemplo, seria assim:

$$Vm_{+/-} = 150$$

$$Vm_+ = 140$$

$$(Vm_{+/-} + Vm_+) / 2 = \frac{150+140}{2} = \frac{290}{2} = 145$$

Temos assim que 145 é o valor da mercadoria individual, que é o valor de mercado correspondente a percentagem da soma total dos valores das mercadorias produzidas pelos setores mais produtivos o **A** e **B**, de nosso exemplo. Esta formula se pode generalizar ainda mais se existirem n-capitais que compõe os setores mais produtivos. Sua formula seria a seguinte:



$$\left(\sum_i^n [v_{m_{+/-}} + (v_{m_{+}})_i] \right) / n$$

Vemos assim que há uma modificação nos valores das mercadorias dos setores com maior composição orgânica de capital. É desta maneira que temos a condição de que o valor de mercado é menor que os preços de produção, que nosso exemplo é de 150. Portanto, menor que os valores individuais das mercadorias produzidas pelo setor com produtividade média e baixa, porém, maior que os valores individuais das mercadorias produzidas pelo setor mais produtivo. Para que o valor de mercado seja igual ao valor individual das mercadorias produzidas pelo setor mais produtivo, deveria existir uma demanda significativa, ou seja, uma concorrência expressiva por parte dos que demandam essa mercadoria pela quantidade de mercadorias produzidas por este setor. Desta maneira, o “novo” valor individual das mercadorias produzidas pelos setores mais produtivos, seria quem regula o preço de mercado neste caso.

Vemos assim, que estes três casos são a maneira como se equaliza a taxa média ou geral de lucro formado ou criando o valor de mercado os quais determinam os preços de produção, o que demonstra que a contradição existe, que é real, mas que são os valores os que determinam os preços de mercado, portanto, a lei de valor age, ainda, que tenham uma diferença quantitativa entre os valores e os preços de mercado. Marx (2017b, p. 219), vai dizer:

Essa determinação do valor de mercado, aqui exposta *abstratamente*, se estabelece no mercado real mediante a concorrência entre os compradores, pressupondo-se que a demanda seja grande o suficiente para absorver a massa de mercadorias a seu valor assim fixado (MARX, 2017b. P. 2019).

É desta maneira que se dá na realidade, desta época social e histórica que chamamos capitalismo, os preços de mercado pelos quais as mercadorias são vendidas, neste momento da venda o que está acontecendo por trás é uma equalização das taxas de lucros dos diferentes ramos de produção, portanto, uma transferência de valor, sempre e em qualquer dos três casos, dos capitais ou setores menos produtivos para os mais produtivos, todos eles (os capitais mais e os capitais menos produtivos) se encontram espalhados pelo espaço geográfico conformando parte do território de onde se encontram, portanto, os capitais mais produtivos que compõe a produtividade do território de onde se encontram, se apropriam não só do mais-valor produzido pelos capitais menos produtivos, senão também do espaço geográfico em sua totalidade, por médio da transferência geográfica de valor.

Vemos assim, a necessidade de esclarecer um pouco mais, a que nos referimos com transferência geográfica de valor, por isso no seguinte tópico apresentaremos como esta categoria Território, é uma categoria mistificada e, portanto, que mistifica a realidade. Faremos



uma última explanação de nosso argumento com o intuito de demonstrar que o território, nada mais é a forma como é dada a apropriação do espaço geográfico, e que seu conteúdo é a transferência geográfica de valor.

Transferência geográfica de valor

O que acabamos de mostrara anteriormente é a forma como se dá a apropriação de valores e/ou riquezas no capitalismo. Esta forma pressupõe uma equalização da taxa geral de lucro em seus diversos casos, que se desdobram em valores de mercado diversos (casos I, II e III), mas que se apresentam na realidade como preços de mercado também diversos, os quais são os preços finais de venda. Esta dialética da apropriação de valores no capitalismo é a que impera para todo e qualquer objeto no capitalismo, inclusive para o espaço geográfico.

Quando dizemos que o território é produto de uma apropriação do espaço geográfico, estamos dizendo que a dialética da apropriação no capitalismo, tal qual com foi apresentada no item anterior, está pautando à apropriação do espaço geográfico. Vejamos que quando os capitais tanto, os mais produtivos, os de produtividade pertos da média, como os menos produtivos, todo eles se encontram espalhados pelo espaço geográfico, conformando, ou fazendo parte, dos territórios dos quais eles o compõem, neste sentido, o território participa não só como base real e concreta para a produção de valores, de mercadorias sejam qual forem, senão também como pressuposto e mediação real e concreta da apropriação de valores no capitalismo.

Desta maneira, podemos dizer que num primeiro momento o território se apresenta de forma isolada, ou seja, cada capital produzindo seus valores e/ou mercadorias de maneira isolada. Num segundo momento, quando os capitais lançam suas mercadorias produzidas ao mercado (mundial), se executa uma equalização da taxa média ou geral de lucro criando os valores de mercado, para logo, na confirmação social, ou seja, na venda efetiva das mercadorias pelos preços de mercado, se realizem as transferências geográficas de valor e assim se dar a apropriação dos valores produzidos nos territórios.

Podemos ver que quando as mercadorias são colocadas no mercado mundial, é o momento em que se relacionam uns capitais com outros, a sua vez uns territórios com outros, mas esta forma de relacionar-se é por meio do valor. Este conjunto de mercadorias, que em si é a riqueza nova socialmente produzida, está composto por mercadorias produzidas por diversas produtividades, portanto, por diversos territórios com produtividades também diversas. Neste mesmo momento quando as mercadorias são levadas ao mercado mundial e vendidas por seus preços de mercado, também se dá a equalização da taxa média ou geral de lucro, como vimos,



são sempre os capitais mais produtivos os que se apropriam dos mais-valores produzidos pelos capitais menos produtivos, ou seja, os territórios mais produtivos se apropriam da porção de espaço geográfico que configuram os territórios menos produtivos.

Essa apropriação do espaço geográfico por parte dos capitais mais produtivos se dá na forma de valor, é dizer, que quando o capital mais produtivo se apropria do mais-valor produzido pelos capitais menos produtivos, ou seja, quando se dá a transferência geográfica de valor o que está acontecendo é que quando o capital mais produtivo recebe esse lucro extraordinário e seu adicional a mais, o super lucro, significa que a porção do espaço geográfico que compõem os territórios menos produtivos, ou seja, quando os capitais que compõem estes territórios estão produzindo suas mercadorias “isoladamente”, estes territórios são apropriados em sua totalidade pelos capitais mais produtivos.

É dizer, que os territórios menos produtivos “alugam” (“cedem”) a preço zero a porção de espaço geográfico, a qual eles compõem, para que de maneira “indireta” o capitalista mais produtivo tenha esse lucro extraordinário. Em outras palavras, toda a infraestrutura, redes de transporte e telecomunicações, força de trabalho, capitais locais, matérias primas, maquinaria, terra, entre outros é apropriado pelos capitais mais produtivos. Pois, as mercadorias produzidas por este território menos produtivo são valores produzidos, estas mercadorias foram produzidas por um capital constante e um capital variável, que a sua vez, estas mercadorias, tem uma quantia de capital fixo e circulante contidas em elas, portanto, a parte de valor que será transferido por estes territórios ao capital mais produtivo é em se uma apropriação destes territórios, que compõem uma porção do espaço geográfico, em sua totalidade por parte deste capital (o mais produtivo).

Isto é, esses valores que são transferidos pelos capitais menos produtivos no momento da troca ou da venda das mercadorias pelos preços de mercado aos capitais mais produtivos, são a compressão (de comprimir) esta porção do espaço pelo tempo. Desta maneira, os capitais mais produtivos estão se apropriando do espaço geográfico em sua totalidade. Estes últimos, fora de apropriasse (ter posse) da porção de espaço geográfico (territórios) ao qual eles fazem parte ou compõem, se apropriam da outra porção do espaço à que não estão atrelados. Assim, vemos que a apropriação do espaço geográfico está sendo dada na totalidade deste. Contrário à visão fraturada em que um capital ou Estado-Nação em particular se apropria diretamente de outro território, ou parte deste, seja por mecanismos econômicos ou extraeconômicos.

Por outro lado, está apropriação do espaço geográfico que se dá por meio da transferência geográfica de valor, ou seja, quando se equaliza a taxa geral de lucro o território



está constantemente reconstituindo-se e se afirmando o tempo todo. Esta reconstituição nada mais é que a lei de valor operando, agindo, sobre o território e reconfigurando as relações sociais existentes nele. Pois no processo de reprodução do capital, ou dos capitais, que compõe ao território redirecionam suas produções e suas produtividades segundo o ciclo anterior. Este redirecionamento na produção dos capitais industriais que compõe ao território, ocasiona mudanças sobre estes últimos, o que repercute diretamente sobre o espaço geográfico como um todo e sobre a produção do valor.

Outro aspecto desta reconstituição do território é que está se dá o tempo todo desde que se troquem mercadorias entre os diversos territórios, países, estados-nação, regiões, cidades em fim. Desta maneira, o território está subsumido a lógica do capital, a sua lei de acumulação, ou seja, ele (o território) está totalmente voltado a produção de valores, e sua vez à produção do mais-valor, portanto, a transferir geograficamente valores ou a apropriar-se destes. Assim, o território é a forma de apropriar-se do espaço geográfico na totalidade no capitalismo onde o mecanismo para realizar esta apropriação é a transferência geográfica de valor.

Podemos ver desta maneira que a transferência geográfica de valor é o conteúdo da forma de apropriação do espaço geográfico, portanto, do território. Isto é, a categoria território mistifica, abstrai, a transferência geográfica de valor.

Dando continuidade à discussão sobre a Dialética da Dependência, que nos direcionou para o debate sobre a equalização da taxa de lucro, portanto, da transferência geográfica de valor, podemos entender como o autor Rui Mauro Marini (1974) se posiciona de maneira crítica e revolucionária ante esta realidade da dependência e pautando o como se pode dar uma superação desta condição.

Como vimos no exemplo anterior, um nível de produtividade baixo significa dizer que sua composição orgânica de capital é baixa, em outras palavras, seu capital total investido está direcionado em maior peso sobre o capital variável. Entretanto, esta não é uma escolha dos capitalistas latino-americanos, esta é uma determinação geográfica sob o território, logo, as mercadorias produzidas para o mercado mundial por este território produtivamente baixo têm maior valor e de tal maneira que ao serem vendidas pelos preços de mercado este território com composição orgânica de capital baixo transfere valores para os territórios onde existem os capitais mais produtivos, pois os preços de mercado são suficientemente baixos para que se produza uma transferência geográfica de valor, ou seja uma apropriação do espaço geográfico na totalidade.



O fenômeno mundial da exportação de capitais das economias centrais direcionados a territórios com baixa composição orgânica de capital, foi descrito por Hilferding (1985) e também por Lenin (2008), o qual é produzido pela concorrência que é o fenômeno que opera o tempo todo na equalização na taxa média ou geral de lucro, tal como vimos no exemplo anterior.

Leite (2016, p. 85) levanta o seguinte teorema: "A formação da taxa geral de lucro mundial só pode ser operada em termos aproximados se, e somente se, considerarmos a possibilidade de migração entre capitais de distintas nacionalidades". Esta chegada de capitais estrangeiros aos territórios menos produtivos implica uma maior produtividade nos territórios com baixa composição orgânica de capital, " sempre que implique, ainda que seja em termos relativos, uma elevação simultânea do valor do capital constante empregado para produzi-la uma queda da taxa de lucro " (MARINI, 2005. P. 15).

Marini se refere à lei da queda tendencial da taxa de lucro que foi como o denominou Marx (2017c, p. 249), no livro III, no capítulo 13. Essa queda é produzida nos territórios menos produtivos da América Latina, mas é sabido que estes capitais que chegam são de uma etapa anterior ao processo latente de desenvolvimento das forças produtivas dos territórios que são mais produtivos, perpetuando a condição de dependência em que está circunscrita a economia latino-americana.

Marx (2017c), quase no final do capítulo 10, do livro III, nos mostra o que significa o desenvolvimento do capital num território dado:

O capital logra realizar essa equalização em maior ou menor grau quanto maior for o desenvolvimento capitalista num Estado-nação dado, isto é, quanto mais adequadas ao modo capitalista de produção se encontrem as condições do país em questão (MARX, 2017c, P. 231, grifos nossos)

Temos aqui praticamente um critério, entre tantos outros, mas é um dos mais importantes para saber se o grau de desenvolvimento do capital no território. Vejamos que Marx utiliza a expressão Estado-nação na citação de acima, o que significa dizer que País ou Estado-Nação é uma outra forma mais concreta de apresentar-se o território. Por outro lado, a equalização da taxa média ou geral de lucro que distribui um lucro igual aos capitalistas, não importando qual seja a esfera ou ramo de produção em que se encontrem, é mostra de um maior desenvolvimento do capital no território. Logo, um maior desenvolvimento do capital num território dado é sinônimo de que a produção capitalista é mais desenvolvida neste (território).

Mas é de advertir que esta equalização da taxa de lucro se comporta de maneira aproximada ou tendencial, porque o fator que faz que seja assim, aproximada, é a própria realidade, portanto, "A aproximação, porém, será tanto maior quanto mais desenvolvido se



encontrar o modo de produção capitalista e quanto mais se tiver eliminado sua impureza, separando-o dos restos de realidades econômicas anteriores” (MARX, 2017c, P. 209). Assim, temos que um território é mais desenvolvido quando mais se aproxime a uma equalização da taxa média ou geral de lucro que distribui o lucro de maneira igual.

Em quanto a lei da queda tendencial da taxa de lucro, Marx também deixa ver como o desenvolvimento do capital no território na medida que avança, a taxa de lucro cai como tendência, é dizer que o território é mais desenvolvido quando os lucros derivados da equalização da taxa média ou geral de lucro, são menores pero iguais para todos os capitais. Ele vai dizer,

O que vale para diversos estágios sucessivos de desenvolvimento num mesmo país vale também para diversos estágios de desenvolvimento simultaneamente existentes em diferentes países. No país não desenvolvido, no qual a primeira composição do capital constitui a média, a taxa geral de lucro seria = 66.2/3%, enquanto no país do segundo estágio de desenvolvimento, muito superior ao primeiro, ela seria =20%. (MARX, 2017c. P. 252)

Podemos ver que Marx entende que existe diversos estágios de desenvolvimento num mesmo território e em territórios diferentes, logo, a equalização da taxa média ou geral de lucro que se dá entre capitais que produzem mercadorias diferentes com produtividades diferentes também se está dando entre territórios diferentes com produtividades diferentes.

Uma segunda observação com respeito a citação anterior é a seguinte, quando ele está se referindo aos diferentes estágios do desenvolvimento do capital ele os reconhece pela distinção entre as composições orgânicas de capital. Ou seja, o capital que se encontra no estágio de maior desenvolvimento é aquele que tem maior composição orgânica de capital, que se traduz em maior produtividade, a sua vez o capital que se encontra no estágio de menor desenvolvimento é o menos produtivo.

Daí, é que podemos falar que um território é mais ou menos produtivo que outro, segundo o estágio de desenvolvimento do capital, ou seja, os territórios em que o estágio de desenvolvimento do capital é maior, em outras palavras, onde a produção capitalista está mais desenvolvida, vão ter maior composição orgânica de capital e os territórios em que o estágio de desenvolvimento do capital é menor, vão ter menor composição orgânica de capital. É assim como o encontramos em Marx (2017c, p. 253) “Em se tratando de países em que a produção capitalista apresenta diversos graus de desenvolvimento e, por conseguinte, diferente composição orgânica do capital”.

Assim, os territórios em condição de dependência que são os menos produtivos, segundo Marini (2005, p. 15), buscam incrementar a cota de mais-valor, "se orientam tanto no sentido



de incrementar ainda mais a mais-valia, no intuito de compensar a queda da taxa de lucro, quanto no sentido de induzir uma baixa paralela no valor do capital constante, com o propósito de impedir que o declínio se apresente". O que o autor está querendo nos dizer é que existem mecanismos, ou, que a queda tendencial da taxa de lucro traz com sigio mesma, contra tendências que são munidas a esta queda tendencial e que puxam para cima dita a taxa.

Portanto, o território como categoria geográfica, traz por dentro dela o processo de transferência geográfica de valor num mesmo território como entre territórios distintos com produtividades diferenciadas. Isto é, que a Transferência Geográfica de Valor entendida como categoria geográfica, coloca em evidencia que o Território é a relação social de apropriação do espaço geográfico em sua totalidade por parte dos capitais mais produtivos e que se manifesta como "exploração capitalista internacional" (MARINI, 2005. p. 17).

Um entendimento equivocado da categoria geográfica Território é o que "leva a reivindicar relações comerciais equitativas entre as nações, quando se trata de suprimir as relações econômicas internacionais que se baseiam no valor de troca" (Idem, p. 17), a única maneira de suprimir a transferência geográfica de valor é superar e/ou transformar o tipo de apropriação do espaço geográfico que se dá nesta época social e histórica chamada capitalismo, isto é, que o território tem que ser superado e/ou transformado de tal maneira que sua dialética seja outra em sua totalidade.

Com respeito a superação da dependência Marini (2005, p. 17) diz o seguinte, "quando se trata de suprimir as relações econômicas internacionais que se baseiam no valor de troca". Podemos dizer então, que visões nacionalistas ou posturas nacionais de desenvolvimento, ou seja, ações particulares, em qualquer escala, em direção para superação do território, estariam também subsumidas a este processo de transferência geográfica de valor que se dá em todo o globo entre territórios, inclusive entre os que tem uma alta produtividade, mas que suas diferenças são mínimas.

Podemos verificar então que o território é a forma que tem o capital para subsumir o espaço geográfico em sua totalidade "ao império do capital" (WOOD, 2014, p. 1), e na medida em que temos um maior desenvolvimento do capital no território "o uso da força para submeter a massa trabalhadora ao império do capital diminui à medida que começam a jogar mecanismos econômicos que consagram essa subordinação." (MARINI, 2005, p. 17), o que faz do território uma legalidade mais do capital.

Vemos assim que se a essência do imperialismo é a transferência de valor, que a sua vez é uma transferência geográfica de valor, os países imperialistas que são os que se apropriam do



mais-valor produzido pelos territórios menos produtivos se estão apropriando do espaço geográfico em sua totalidade. Temos que dizer mais uma vez que a categoria território se entende como uma relação social capitalista e que toda expressão que reivindique esta categoria e que não tenha em conta a transferência geográfica de valor como seu conteúdo mistifica ainda mais a realidade.

Considerações finais

A pergunta que ficou depois de realizar este trabalho de investigação é a seguinte: o que, nesta época social e histórica que chamamos de capitalista, não é determinado pelo valor? Sua resposta foi dada pelo professor Carcanholo (2021) numa palestra realizada no dia 01-09-2021, no VI ENCONTRO NACIONAL e XII FÓRUM ESTADO, CAPITAL, TRABALHO – ENGPECT: “nada” (CARCANHOLO, 2021)⁹. Desta maneira, entendemos que tudo criado antes de se consolidar (efetivar-se) no modo de produção capitalista, foi subsumido, transformado e reconstituído, pelo capital, através de suas legalidades, portanto, determinado pelo valor.

Então, vejamos que tudo criado no capitalismo já nasce determinado pelo valor, é assim como o entende Marx:

Como em geral em toda ciência histórica e social, no curso das categorias econômicas é preciso ter presente que o sujeito, *aqui a moderna sociedade burguesa*, é dado tanto na realidade como na cabeça, e que, por conseguinte, as categorias expressam formas de ser, determinações de existência, com frequência somente aspectos singulares, dessa sociedade determinada, desse sujeito, e que, por isso, a sociedade, também do ponto de vista científico, de modo algum só começa ali onde o discurso é sobre ela enquanto tal. [...] Em todas as formas de sociedade, *é uma determinada produção e suas correspondentes relações que estabelecem a posição e a influência das demais produções e suas respectivas relações*. É uma iluminação universal em que todas as demais cores estão imersas e que as modifica em sua particularidade. *É um éter particular que determina o peso específico de toda existência que nele se manifesta* (MARX, 2011b. P. 59, *grifos nossos*).

Entendemos que esse sujeito, do qual está falando Marx, nada mais é que o valor, pois, este se personifica e como o próprio autor o coloca na citação acima, é “aqui a moderna sociedade burguesa”. Desta maneira, o que estamos dizendo é que o valor se apresenta como a forma da sociedade burguesa nas palavras de Marx (2011b) e quando ele diz que “é uma determinada produção e suas correspondentes relações que estabelecem a posição e a influência

⁹ Tal resposta foi dada na palestra proferida pelo Prof. Dr. Marcelo Dias Carcanholo no VI ENCONTRO NACIONAL e XII FÓRUM ESTADO, CAPITAL, TRABALHO – ENGPECT. CARCANHOLO, M. D. O Mundo do Trabalho e o Fetiche da Mercadoria. As Novas Facetas da Alienação In.Org. CARCANHOLO, M. D - ENGPECT - 2021. Brasil: Canal Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFS, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pvAKG61bTYA&t=424s>



das demais produções e suas respectivas relações”, está querendo nos dizer, que tanto a produção do valor como suas relações, determinam ou influenciam as outras produções e suas relações. E que é o valor esse “éter particular que determina o peso específico de toda existência que nele se manifesta”.

De maneira muito simples podemos ver que o valor tomou tal dimensão que o espaço geográfico é outra forma de manifestação dele mesmo. Entender este (valor ~ espaço geográfico) neste sentido, faz com que a Geografia, ciência que se preocupa por esse tipo de objetos (espaço geográfico), tem a responsabilidade de desmistificar a realidade através de seus objetos de estudo, desvelando as contradições em seus respectivos níveis de abstração, que cada um deles (lugar, paisagem, região, cidade, espaço urbano, etc.) produz. Sendo assim, vemos que nossa proposta teórica, nos permite entender que a transferência geográfica de valor, não pode partir de uma manifestação particular (localização) das formas de distribuição da força de trabalho no espaço geográfico.

Esta particularidade (transferências de valor) do capital é real e concreta, este fato nos levou a questionarmos, como se está dando esta particularidade a nível geográfico. É assim, que em nossa leitura da teoria de imperialismo de Leite (2016), conseguimos entender que a transferência de valor pertence a um nível de abstração intermediário, por assim dizer, entre a acumulação (reprodução ampliada do capital) e a realidade (compra e venda de mercadorias). A apropriação de valores, vista como transferências de valor entre capitais com produtividades distintas, teria, por assim dizer, seu homólogo social e geográfico, dito homólogo existe no espaço geográfico, entendendo ao espaço geográfico como uma outra forma de aparecer o valor, ou seja, é o valor na sua dimensão geográfica, o espaço geográfico seria a manifestação espacial da acumulação do capital.

Logo, a apropriação de valores no capitalismo se manifesta também de maneira geográfica, e essa seria dada através da apropriação do espaço geográfico, como forma particular que tem o valor de apresentar-se na sua dimensão espacial. Assim que ditas transferências de valor podem ser encaradas como transferências geográficas de valor. A transferência geográfica de valor, nada mais é que a forma particular, em sua dimensão espacial, que tem o capital para se apropriar do espaço geográfico em sua totalidade. Entendemos que esta apropriação é uma forma de produzir e reproduzir as legalidades (determinações) que, o fazem ser o modo de produção desta época social e histórica, o capital cria e recria cotidianamente só que em sua dimensão espacial.



Sendo assim, vemos que território é uma categoria própria do capital, e que esta é uma legalidade espacial que o capital (valor) tem para se apropriar dos valores produzidos e do espaço geográfico em sua totalidade. Visto o território desta maneira consideramos que a geografia como ciência tem que disputar o tipo de apropriação geográfica do espaço em vista de superar e/ou transformar esta categoria que reproduz as legalidades do capital na sua dimensão espacial.

Deixamos como sugestão que o valor de mercado das mercadorias produzidas vive na seguinte desigualdade e que em estudos posteriores se poderá continuar com uma generalização muito mais sugestiva:

$$(\sum_i^n [Vm_{+/-} + (Vm_+)_i]) / n < (\sum_{i,j}^n [Vm_{+/-} + (Vm_-)_i + (Vm_+)_j]) / n < (\sum_i^n [Vm_{+/-} + (Vm_-)_i]) / n$$

REFERENCIAS

CARNANHOLO, M. D. Teoria de Valor *In.* Org. CARNANHOLO, M. D. *Curso livre de Marx - Engels 2017*. Niterói: Canal NIEP-Marx, 27 jun. 2017, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w83XfkukW38>. Acesso em: 03 fev. 2021

CARNANHOLO, M. D. O Mundo do Trabalho e o Fetiche da Mercadoria. As Novas Facetas da Alienação *In.*Org. CARNANHOLO, M. D - ENGPECT - 2021. Brasil: Canal Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFS, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pvAKG61bTYA&t=424s>. Acesso em: 01 set. 2021

COLISTETE, R. P. O desenvolvimentismo cepalino: problemas teóricos e influências no Brasil. *Estudos Avançados* São Paulo, v. 15, n. 41, p. 21-34, abr. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000100004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 fev. 2021.

GUNDER FRANK, A. *World Accumulation 1492-1789*. Nova York: Monthly Review Press. 1978.

HILFERDING, R. *O Capital Financeiro*. Tradução de Reinaldo Mestrinel. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

LEITE, L. M. *O capital no mundo e o mundo do capital: uma reinterpretação do imperialismo a partir da teoria do valor de Marx*. 2016. Tese (Doutorado em Economia) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, p. 336, 2016.

LENIN, V. I. *O Imperialismo: fase superior do capitalismo*. Tradução de Leila Prado. 4. ed. São Paulo: Centauro, 2008.

MANDEL, E. *O Capitalismo tardio*. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1982.



MARINI, R. M. Dialética da dependência. In: TRASPADINI, R.; STEDILE, J. P. (Orgs.). *Ruy Mauro Marini: vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2005. p. 137-180

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. Livro I. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017a.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. Livro II. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017b.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. Livro III. 1. ed. Rio de Janeiro: Boitempo, 2017c.

MARX, K. *Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2011a.

MARX, K. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858, esboços da crítica da economia política*. Tradução de Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: UFRJ, 2011b.

PENA, J. A.; ALVES, D. J.; MARTINEZ GARCIA, A. APONTAMENTOS PARA UMA DIALÉTICA DO TERRITÓRIO: A TRANSFERÊNCIA GEOGRÁFICA DE VALOR. *Revista de Ciências Humanas, [S. l.]*, v. 1, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/12061>. Acesso em: 29 set. 2021.

WOOD, E. M. *O império do capital*. São Paulo: Boitempo, 2014.